

DIÁLOGO HÍPIAS MENOR: ANÁLISE METODOLÓGICA E A PRODUÇÃO GENUÍNA DO AUTOR

Álex Deiwison Fiel de Andrade Cândido, Carlos Enéas Moraes Lins da Silva, Marcos
Roberto Santos Pereira⁶

Resumo: Nos capítulos 3 e 4 do seu texto *A filosofia: O que é? Para quem serve?*, Danilo Marcondes e Irley Franco estabelecem uma tipologia dos textos filosóficos segundo a escrita e dos próprios filósofos segundo os temas trabalhados em suas obras. Dentre os filósofos citados está Platão, cuja escrita é em diálogos, apesar de ser um filósofo metafísico, gênero do qual o tratado seria a forma mais adequada. Para ressaltar essa versatilidade e exemplificar a escrita do autor a análise de um de seus diálogos aporéticos é relevante, por isso tratamos aqui mais especificamente do *Hípias Menor*. Assim, seguindo a ordem dos capítulos do livro de Marcondes e Franco, o presente texto faz o seguinte percurso: análise metodológica do diálogo, formalização de um recurso argumentativo largamente utilizado, e tipificação do autor segundo o tema.

Palavras-chave: *Hípias Menor*; Platão; *elenchus*; crítico; metafísico.

Abstract: At the third and fourth chapters of *A filosofia: O que é? Para quem serve?*, Danilo Marcondes e Irley Franco establish a typology of the philosophical texts according to the way they are wrote, as well as the philosophers themselves (according to the themes treated in their books). Plato is amongst the mentioned philosophers, whose writing is dialogical – although being a metaphysician philosopher, field of the philosophy on which we usually think that the “treatise” would be the more appropriated literary genre. In order to emphasize Plato’s versatility and to exemplify the author’s way of writing, it is relevant to us to analyze one of his aporetic dialogues. Thus we are going here to analyze Plato’s *Hippias Minor*. So following the order of the chapter of Marcondes and Irley’s book, the present text aims to offer: a methodological analyze of the dialogue, a formalization of a widely used argumentative resource, and typification of the author according to the theme.

⁶Todos graduandos do curso de licenciatura em filosofia pela UFS (Universidade Federal de Sergipe).
Respectivos e-mails: alexwarmane@gmail.com; BFECemls@hotmail.com; marcolinolono00@hotmail.com.

Keywords: *Hippias Minor*; Plato; *elenchus*; criticist; metaphysicist.

O diálogo platônico intitulado *Hípias Menor* é um bom exemplo dos diálogos aporéticos escritos pelo famoso filósofo grego. Especificamente nesta obra é tratado o tema da ação voluntária e involuntária, sendo a questão circundante a relação de valor entre as duas, qual é superior ou inferior. O que desemboca ao fim do diálogo numa aporia quando Sócrates e Hípias concluem que a melhor alma e, portanto, também a mais justa, é igualmente capaz de fazer o bem e o mal, o justo e o injusto. Além das questões teóricas, é possível notar o esforço de Platão em mostrar a ironia e humildade do discurso socrático perante a vaidade e arrogância do que profere Hípias, o sofista. Exploraremos essa obra em dois vieses distintos: num primeiro momento trataremos das questões teóricas, explorando o aspecto aporético e sua forma; noutro, nos dedicaremos a tratar de questões de estilo e suas possíveis intenções, o aspecto vivo que se pretende com o diálogo e o que Platão pretendia empreendendo tal forma no caso do *Hípias Menor*.

Ao longo de todo o discurso Sócrates se mostra como personagem interrogador, mas que, distante de propor um conhecimento assertivo acerca dos temas de que pretende tratar com seus interlocutores, coloca-se sempre num patamar inferior como um eterno aprendiz diante de um professor que lhe ensinaria algo, ou livrá-lo-ia da perturbação do desconhecimento. É o caso de Hípias de Élis, famoso sofista grego do séc. V a.C., conhecido pelos seus dotes como polímata, como alguém bastante versado em cultura geral em especial na matemática, geometria e literatura. Assim, a postura socrática pode ser considerada muito próxima à da figura do filósofo crítico, tal como Marcondes e Franco descrevem em *A filosofia: O que é? Para quê serve?*, uma vez que a conduta de Sócrates é a de confronto com as teses dos seus interlocutores, com o intuito de desestabilizá-las demonstrando sua inconsistência interna (o que será tratado mais adiante no próximo tópico). Porém, Platão, no *Hípias Menor*, não pretende somente mostrar a inconsistência das opiniões defendidas por Hípias, mas também destacar os aspectos considerados negativos na personalidade do sofista, realçando características como “charlatanismo”, a vaidade e arrogância em seu discurso. Por isso, cremos que a escolha platônica pela forma do diálogo, não se limite meramente à intenção de apresentar os argumentos em forma dialética e encadeada, mas que, além disso, há o intuito de transportar o leitor por caminho verossímil para o cenário da vida comum,

destacando e por vezes atacando, personalidades bem conhecidas do mundo grego da época de Sócrates. Finalizando por montar o personagem socrático como o eterno amante da sabedoria que na esperança de curar-se, cura os seus próximos purificando suas opiniões através do reconhecimento da sua ignorância, almejando um conhecimento essencial das coisas – não transcendente ainda, mas essencial. Mas, por outro lado, construindo os interlocutores de Sócrates como personagens arrogantes que julgam saber muitas coisas, mas que ao fim de uma conversa com o filósofo findam prestes a renunciar às suas opiniões.

É precisamente isso que ocorre com Hípias no diálogo do qual trataremos. Vejamos. Logo no início do diálogo Sócrates apresenta sua questão acerca da superioridade ou inferioridade entre Aquiles e Odisseu, considerando Hípias um homem versado na matéria, “já que se explanou em tantas e tão variadas considerações a respeito de Homero e de outros poetas” (363c), tanto que o próprio Hípias cita suas apresentações nas Olimpíadas (363d). Mas a ironia de Sócrates se faz sentir quando responde dizendo: “[...]Surpreender-me-ia se algum dos atletas das competições de força física ali [nas Olimpíadas] se apresentasse para lutar, sem medo e tão confiante no seu próprio corpo como tu dizes estar com relação à tua inteligência” (364a). E a vaidade de Hípias se explicita ao confirmar seu sentimento de superioridade: “É natural, Sócrates, o que se dá comigo. Desde que comecei a tomar parte nos jogos olímpicos, não encontrei ninguém superior a mim, seja no que for” (364a). O que Sócrates reconhece ironicamente: “Que belo monumento de sabedoria, Hípias, deve ser tua glória, para a cidade de Élide e para teus genitores!” (364b); mas, diante da primeira resposta de Hípias acerca da superioridade de Aquiles diante de Odisseu, faz ressaltar que considera a si mesmo ignorante – a clássica modéstia socrática –, e que necessita tecer perguntas para compreender o assunto (364d). Pelo que, através da fala de Hípias, Platão explicita a profissão de sofista do interlocutor socrático da vez, ao afirmar que leciona por dinheiro (364d). Até que este diálogo preliminar retorna à questão posta por Sócrates que interroga a Hípias novamente pela sua resposta.

Nesses termos, concluímos que Platão constrói o personagem Hípias apresentando-o como um sofista vaidoso, que se vangloria de seus feitos e de sua fama, seguro de suas qualidades intelectuais. Por outro lado temos um Sócrates humilde e irônico. Como sabemos, ao longo do diálogo a tese de Hípias se revelará vazia e pobre, tão inconsistente que será contradita por ele mesmo ao concordar com os ataques socráticos. E Sócrates, que não sabia

nada, acaba desmontando a opinião de alguém que dizia conhecer muitas coisas e competente no assunto que se propuseram a discutir.

Trataremos agora da formalização lógica e explanação de um argumento bastante presente em toda a obra platônica, o *reductio ad absurdum* (redução ao absurdo, *red. ad absurdum*), cuja larga aparição é possibilitada pelo método refutativo de Sócrates.

O *elenchus* socrático, isto é, o método de refutação apresentado por Platão através do seu mestre em seus diálogos, não dá ao leitor apenas uma sensação de maior verossimilhança em relação aos debates filosóficos, mas também apresenta de modo mais claro uma espécie de argumentação que tem uma forma comumente chamada de *reductio ad absurdum*. O *red. ad absurdum* consiste em um argumento cuja conclusão absurda segue de uma premissa que precisa ser tomada como falsa. O teor absurdo da conclusão pode ser entendido tanto como uma inconsistência formal quanto uma remota probabilidade empírica, que também poderia implicar numa inconsistência entre a crença que se tem e a conclusão que se obteve. Tomemos “A” e “B” como letras sentenciais que simbolizam uma variável de proposição e “P” e “H” como premissa e premissa hipotética respectivamente, e observemos a forma de um *red. ad absurdum* na seguinte estrutura genérica:

- | | |
|-------------|----------------------------------|
| 1. (A → B) | P |
| 2. ¬B | P |
| 3. A | H |
| 4. B | 1,3(<i>Modus Ponnens</i>) |
| 5. (B ∧ ¬B) | 2,4(<i>Conjução</i>) |
| 6. ¬A | 3, 5 (<i>Red. ad absurdum</i>) |

Na demonstração acima feita, a partir das premissas que já possuímos em (1) e (2), e de uma hipótese aberta em (3), fazemos uso de algumas regras de inferência em (4) e (5) para derivarmos uma contradição em (5), o que nos fez abandonar a premissa hipotética em (6), concluindo que ela é falsa.

A forma dialógica dos textos de Platão possibilita uma maior compreensão de argumentos com a forma *red. ad absurdum*, em que Sócrates deriva conclusões absurdas a partir das premissas de seus adversários. No diálogo *Hípias Menor* não é diferente, e o próprio Sócrates explicita sua estratégia de argumentação: “É assim que agora me pus a reflectir sobre a tua afirmação, relativa aos versos citados agora mesmo, nos quais, segundo dizes, Aquiles se dirige a Ulisses como a um impostor” (369e), e, posteriormente, analisando as implicações que consegue a partir das afirmações de Hípias: “O que me deixa perplexo, supondo-a verdadeira, é que [...] se vê Ulisses dizer falsidades, [...] enquanto essa versatilidade de que falas se vê em Aquiles! Em todo o caso, diz falsidades.” (369e-370a).

Tomemos, em sua forma sucinta e breve, algumas proposições máximas que fazem parte da argumentação socrática no *Hípias Menor* e observemos como procede o seu método de refutação em linguagem formal. Se considerarmos “L” como o mesmo que “quem mente deliberadamente é mais virtuoso que quem o faz sem saber”, e “S” como o mesmo que “aquele que sabe em tudo é melhor que aquele que desconhece”, então podemos formular a seguinte estrutura genérica:

- | | |
|----------------------------------|---------------------------------|
| 1. $(\neg L \rightarrow \neg S)$ | <i>P</i> |
| 2. S | <i>P</i> |
| 3. $\neg L$ | <i>H</i> |
| 4. $\neg S$ | 1,3(<i>Modus ponens</i>) |
| 5. $(S \wedge \neg S)$ | 2,4(<i>Conjunção</i>) |
| 6. L | 3,5 (<i>Red. ad absurdum</i>) |

Na demonstração acima feita, a premissa hipotética em (3) equivale a “não é verdade que quem mente deliberadamente é mais virtuoso que quem o faz sem saber”, e a partir desta derivamos o absurdo em (5) de que “aquele que sabe em tudo é melhor que aquele que desconhece” e de que “não é verdade que aquele que sabe em tudo é melhor que aquele que desconhece”, o que é uma contradição. A partir da derivação dessa contradição, só podemos deduzir em (6) que a premissa hipotética que postulamos em (3) é falsa.

Contudo, a conclusão obtida por Sócrates parece não ser facilmente aceita por Hípias, como é expresso já no fim do diálogo. Sócrates conclui que: “[..] aquele que voluntariamente

erra e comete acções desonrosas e injustas, [...] não pode ser, Hípias, senão o homem bom. ” (376b) e Hípias retruca dizendo que “É neste ponto, Sócrates, que não posso concordar contigo. ” (376b). A aporia do diálogo é finalmente obtida no momento em que o próprio Sócrates admite não concordar com a sua própria conclusão: “Nem sequer eu consigo concordar com a minha própria conclusão: “Nem sequer eu consigo concordar com a minha própria conclusão: [...] a conclusão evidente da nossa argumentação. [...] nestes assuntos vacilo seguindo o curso dos argumentos. ” (376b-376c). A própria estrutura da aporia parece consistir num absurdo, em que as conclusões obtidas a partir do método de refutação socrático contradizem as crenças partilhadas dos personagens e a própria crença do leitor, que ao se deparar com tamanho absurdo entra também em aporia ao ler o diálogo.

Analisadas as características do diálogo aqui trabalhado, é possível classificar Platão como uma das figuras do filósofo propostas por Danilo Marcondes e Irley Franco em seu livro *A filosofia: o que é? Para quem serve?*. E de imediato nos inclinamos a afirmar que o filósofo seria um típico filósofo crítico, como afirmado no primeiro parágrafo, já que se Sócrates é apresentado como um filósofo crítico e é ele quem conduz o diálogo apresentado na obra, a própria obra e muitas outras de Platão nas quais o protagonista é representado da mesma forma teriam tal aspecto. Contudo a questão não é tão simples.

Cabe aqui distinguir dois “momentos” da produção filosófica platônica. Os seus textos considerados de juventude são comumente chamados de aporéticos, pelo fato de suas conclusões serem um impasse entre teses contrárias expressas nos textos, no caso a respeito do valor das ações voluntárias e involuntárias. Tal aporia torna tais diálogos mais semelhantes ao método socrático da *maieutica*⁷ e são considerados fontes primárias para a compreensão dele. Assim, só podemos afirmar tais textos de juventude como críticos, segundo a classificação de Marcondes e Franco, na medida em que se aproxima do método socrático, sendo Sócrates e não propriamente Platão um filósofo crítico.

O outro “momento” de produção filosófica é aquele quando Platão expressa suas próprias teorias a respeito do mundo, dentre as quais a mais famosa é a teoria das ideias. Com essa expressão Platão inicia um novo âmbito de perquirição filosófica, apenas vislumbrado pelos pré-socráticos, e distinto da ânsia por saber voltada ao mundo humano de seu mestre, o âmbito da metafísica. E é na figura de filósofo metafísico que ele se enquadra.

⁷ Apesar de no texto *A filosofia* ser afirmado que a *maieutica* e o *elenchus* significam o mesmo método, aqui optou-se pelo primeiro termo por quisermos ressaltar aqui o aspecto da “parturição” das ideias empreendida pelo indivíduo com quem Sócrates dialoga, sendo o filósofo uma simples parteira.

Tanto Sócrates quanto Platão empreendem um método filosófico de investigação da essência de algo. Contudo, ao contrário do mestre, que tem como finalidade de seu método o mero reconhecimento da ignorância, o discípulo põe o conhecimento das essências como objetivo de seu método. Tal essência é chamada por Platão de ideias, aquilo que serve de molde para várias coisas e que nos leva a considerá-las da mesma espécie.

Como herança das opiniões heraclíticas, afirma Marcondes e Irley citando Aristóteles na *Met.* A 987 a29-b14, Platão retém a teoria do devir das coisas sensíveis, o que impossibilita a existência de essências no âmbito da realidade corpórea. Isto o leva a postular uma realidade extrassensível na qual as ideias se encontrariam. Este aspecto de uma realidade para além da corpórea é o que leva à cunhagem do termo metafísica, cuja forma completa (*ta meta ta physica*) significa as coisas para além das coisas físicas.

Entre as ideias existentes está a de beleza que é de tal modo descrita no *Banquete* : “[...] sempre sendo, sem nascer nem perecer, sem crescer nem decrescer, e não de um jeito belo e de outro feio, nem ora sim, ora não, nem quanto a isso belo e quanto àquilo feio, nem aqui belo e ali feio como se a uns fosse belo e a outros feio [...]” (210e-211b). Nesta passagem é possível reconhecer as características das ideias platônicas como imutabilidade e imperecibilidade. Estas características ressaltam a exigência de uma realidade extrassensível na qual estas ideias existam.

Além da diferença de finalidade do método socrático, Platão apresenta dois novos métodos dialéticos, o hipotético e o das divisões. O primeiro se desenvolve a partir de uma hipótese, a qual é aceita se não houver inconsistências no seu desenvolvimento e conclusão. O segundo, exaustivamente utilizado no *Sofista*, se desenvolve com a distinção de definições que um termo pode receber e análise de qual se atribui com mais concordância ao termo, sendo levado em conta para isto os exemplares empíricos que levam tal nomenclatura.

Dadas todas essas características da obra de maturidade de Platão, torna-se evidente sua classificação como filósofo metafísico. Contudo, cabe aqui, por fim, uma defesa. Compreendemos que as características apresentadas do texto aqui analisado, a saber, o *Hípias Menor*, e o significado do termo “crítico” sejam suficientes para enquadrar a obra e o filósofo do qual ela busca se aproximar, isto é, Sócrates, na figura de filósofo crítico. Por isso,

consideramos mais proveitoso que analisar o autor do diálogo em seu aspecto próprio e não em referência a seu mestre.

Referências Bibliográficas

MARCONDES, Danilo; FRANCO, Irley. *A filosofia: O que é? Para quê serve?* Rio de Janeiro: Zahar: Ed.PUC-Rio, 2011.

PLATÃO. *Hípias Menor*. Tradução de José Colen. *Gaudium Sciendi*, Lisboa, p.160-189, n°4, Julho, 2013.